

Cenas de plurilinguismo em *Relato De Um Certo Oriente*, de Milton Hatoum

Eli Gomes CASTANHO¹

Resumo: O objetivo do texto é relacionar cenas da obra *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, com textos teóricos sobre linguagem e identidade. A análise indica que as relações são verossímeis e aponta para um contexto plurilíngue da Amazônia, que transcende a relação dos falantes de português com os falantes de árabe, dando espaço a outras culturas que ali se fizeram presentes, como a alemã. Além disso, os povos originais também acrescentam novas matizes à diversidade linguística e cultural do romance. Temas como políticas linguísticas familiares e aspectos constitutivos do sujeito bilíngue são explorados na obra e possibilitam um profícuo diálogo entre diferentes áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Plurilinguismo; Identidades; Milton Hatoum.

Introdução

Este artigo tem como objeto de estudo uma observação acerca do plurilinguismo presente na primeira metade do século XX, em Manaus, a partir do contexto apresentado em *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum. O exercício que aqui se propõe é o de verificar como cenas do romance ilustram um contexto plurilíngue e possibilitam a relação com leituras em torno da formação da identidade do sujeito bilíngue, mais especificamente no campo da Linguística Aplicada (César e Cavalcanti, 2007; Maher, 2007a; Maher, 2007b).

Nesse sentido, a ficção traz elementos interessantes para pensar as línguas em contato e provocar uma reflexão profícuo a partir do texto literário. Milton Hatoum é um dos mais proeminentes autores da literatura brasileira contemporânea e, além disso, seu percurso biográfico lhe rende título de cidadão do mundo, uma vez que transitou entre diferentes culturas: desde a já intercultural Manaus onde nasceu, permeada pelos fluxos migratórios (ele mesmo possui ascendência libanesa); passando por vivências em São Paulo e Brasília; viveu pela França, Espanha e Estados Unidos. Dado com o contato com tanta diversidade, o tema não lhe é indiferente em sua obra. A primeira delas, objeto deste texto, foi escrita em 1989 e no ano seguinte recebeu o prêmio Jabuti. No relato que propõe, cenas de línguas em contato são bastante recorrentes na trama, cuja grande narrativa é a busca por uma identidade perdida. Logo, a interface língua e identidade ganha matizes que flutuam entre o caos do contato com

¹ Professor da área de Letras: Português/Espanhol, no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Campus Salto. Doutor em Linguística Aplicada pelo IEL/UNICAMP, pós-doutorando em Linguística pela UFMG. Email: eli.castanho@ifsp.edu.br

o diferente e a poética que se instala nessa relação com o Outro. Exatamente esse interstício de lugar é o que se busca perceber.

Para isso, o percurso proposto inclui uma contextualização da referida obra de Milton Hatoum, mais especificamente em torno de uma breve síntese, enfatizando fluxo migratório inerente. Em seguida, são propostas a análise de trechos, aqui chamadas de cenas, que remetem ao cenário do plurilinguismo presente na ficção. Ao apontar essas cenas, se buscará tecer relações com leituras sobre bilinguismo e identidade.

Muitas vozes, um Relato e uma Manaus plurilíngue

Relato de um certo Oriente à moda de grandes obras literárias como *Ulisses* ou *O jogo da amarelinha* trabalha na lógica do caos que se organiza, como uma explosão de narrativas cujos estilhaços são coletados para compor um todo. Essa metáfora do caos que se organiza é estruturante do romance e de sua própria temática. A responsável por coletar esses estilhaços é uma narradora sem nome, que busca pelas reminiscências e pela fala dos outros, rebuscar esse passado de uma família de imigrantes libaneses em Manaus. Para isso, outras vozes, num jogo polifônico, são convocadas para organizar esse relato de um certo Oriente. Nessa busca, tenta também organizar o caos de si, a fim de entender o processo de sua constituição identitária.

A mulher sem nome da narrativa é filha adotiva de Emilie, a matriarca da família de libaneses. Seu principal interlocutor é um irmão, também sem nome e adotado pela mesma família, que vive em Barcelona e com quem ela troca cartas. Essa narradora volta a Manaus e percebe as ruínas de um passado, como uma arquivista das memórias dessa família que a adotou (cf. Toledo, 2006). Na volta, constata, também, a morte da matriarca e, nesse intuito de narrar ao irmão o episódio, acaba puxando o fio da memória e de falas de outros personagens que a levam a construir o Relato.

O casal fundante desse clã líbano-amazônico é formado por Emilie e seu marido cujo nome não é revelado. Ela, católica, inclusive havia tentado ser freira, muito envolvida com a religiosidade; ele, mulçumano, sisudo e focados nas leituras do Oriente, de Alcorão às Mil e uma noites. Há dois momentos na vida da família: a primeira na Parisiense, estabelecimento comercial e residência e, posteriormente, um sobrado para onde se mudam. O primeiro filho do casal é Hakim e que, no decorrer da narrativa, há relatos de seu processo de aquisição da escrita árabe naquele contexto amazônico. Outra filha é Samara Délia, que tem uma criança

surda (Soraya Ângela), fruto de um relacionamento da juventude, sem haver os ritos religiosos e, por isso, é sempre condenada por alguns membros da família, especialmente com o silêncio do pai. Há também outros dois filhos inominados, pintados como causadores de sofrimento à matriarca e de uma relação tensa com ela, principalmente em razão de julgamentos sobre a não aceitação da maternidade da irmã.

Além dos adotivos – a narradora-central e seu irmão – ganham destaque na narrativa Dorner, um fotógrafo alemão que por ali aparece e se integra ao universo dos imigrantes. Esse personagem tem um papel importante para narrar sua relação com Emir, irmão de Emilie, que se suicida no rio Amazonas e, desde então, contribuiu para o quadro de angústia da personagem central. Além desse fotógrafo, Hindié Conceição, amiga da matriarca tem seu papel como narradora, especialmente no clímax da narrativa, quando da morte de Emilie. Todos esses são somados aos nativos que ali se presentificam, de origem indígena, especialmente os funcionários da casa como a personagem Anastácia especialmente.

A narradora sem nome e filha adotiva de Emile; Hakim, o filho biológico da matriarca, tratado como tio pela narradora dada a diferença de idade; o fotógrafo Dorner; o marido de Emilie; e a amiga Hindié Conceição ganharão o *status* de narradores, contribuindo para a construção de um relato sobre muitos espectros. Nas palavras de Pereira (2019, p. 33):

Hatoum alcança a complexidade com vistas a produzir não apenas uma narradora, mas uma narradora organizadora de outras narrativas que consegue manter a coerência e a unidade discursiva, ainda que por meio do arriscado campo das múltiplas visões de outras personagens, com vistas a construir o drama da busca da catarse por meio de uma identidade perdida ou dubiamente constituída.

Nesse percurso, interessa aqui, a relação com as línguas nesse contexto amazônico, inicial e exclusivamente indígena, ao qual são adicionados outros repertórios linguísticos e culturais dos povos árabes e de alemães como Dorner. A noção de povos árabes inclui outros pontos de origem como Líbano, Síria, Egito, Palestina, Turquia (Mott, 2000). Tais povos passaram a ocupar o Brasil, no Norte, a Amazônia lhes atraiu especialmente pela possibilidade de comércio demandado pelo *boom* do ciclo da borracha.

Trata-se de um certo Oriente, esse que relatam os personagens de Hatoum, uma versão construída a muitas vozes. No cenário intercultural amazonense, a cultura árabe se ressignifica, daí o uso do artigo indefinido e da adjetivação “certo” Oriente, ou seja, é aquele que foi juntado, como cacos, pela narradora-central,

feito por Hatoum era um universo fechado, que se restringia a uma loja e a uma casa em Manaus. Primeiro, a Parisiense, loja e morada da família; depois, o sobrado, uma réplica da casa árabe, um pequeno Oriente incipientemente assimilado à cultura brasileira, especificamente manauara: contato entre duas línguas, duas tradições culturais, religiosas, familiares, culinárias, simbólicas, míticas, medicinais e raciais (TOLEDO, 2004, s/p).

A interculturalidade é, portanto, esse espaço privilegiado que atravessa toda a narrativa. E é a presentificação dela o mote deste texto, cujas cenas interculturais passam a ser apresentadas.

Cenas do plurilinguismo em *Relato de um certo oriente*

Mais do que a consagração das diferenças, como defendem versões mais liberais do multiculturalismo, a interculturalidade, entendida como esse ponto de fricção entre culturas, nem sempre harmônico (cf. Maher, 2007a) é o mote da narrativa construída por Hatoum. Essa tensão do encontro das culturas, nessa Manaus fluída pela diferença é cenário e é espaço para o (tenso) encontro com o Outro. Entre tradições e traduções (HALL, 2005), novas formas de ser e existir se ressignificam entre o caos e a poesia da superdiversidade que traça a formação urbana da capital manauara. Não só nas línguas que ali se encontram, mas também, nas diversas manifestações desse encontro, como por exemplo, na culinária. A matriarca Emilie fazia seus banquetes que eram: “... uma miscelânea de pratos orientais e amazônicos” (HATOUM, 2008, p.88)², oferecidos à comunidade originária em dias santos.

A retribuição vinha em forma de materialidades que davam corpo à singularidade da floresta:

Eram objetos, animais e plantas originários dos quatro cantos da Amazônia: pássaros e répteis vivos e empalhados, o precioso rouxinol do rio Negro, mudas e trepadeiras, samambaias e trepadeiras, peixinhos fosforescentes, piranhas embalsamadas, e até mesmo a réplica fiel de um remo sagrado que conta a história de uma tribo indígena; ela pendurou o remo na parede da sala, bem ao lado de um pedaço de cedro do Líbano; ambos também sumiram, não sei como. (HATOUM, 2008, p.89)

A lista de produtos amazônicos sofre uma quebra de paralelismo ao se colocar o remo sagrado ao lado do também sagrado cedro do Líbano, indicando uma postura de intercâmbio cultural, desta vez, marcado pela ação pacífica do presentear. Amazônia e Líbano são colocados em pé de igualdade, em termos de representação afetiva, pela simbologia

² Embora o lançamento da obra seja em 1989, a edição utilizada é 2008.

representada pelos respectivos objetos. Passam, portanto, remo e cedro, a objeto carregado de simbolismo, dadas as circunstâncias. Remetem a Canclini (1989) para quem os produtos artesanais são ressignificados a partir dos usos que lhes são feitos, já que: “É o uso e não a origem, a posição e a capacidade de suscitar práticas ou representações populares, que confere essa identidade” (CANCLINI, 1989, p. 135).

A interação assimétrica entre Emilie e Anastácia, a funcionária de maior confiança, ilustra o encontro entre o Oriente e a Amazônia que, assim como causa simpatia, causa estranhamento e nódulos de tensão. Em um dos relatos feitos por Hakim, há uma comparação entre as frutas do Sul [do Brasil] com as frutas do Norte, sendo que ao reportar o que sua mãe dizia acerca das frutas, o aroma das primeiras “vaporava, se colocadas ao lado do cupuaçu ou da graviola”. As do Norte: “São frutas para saciar o olfato, não a fome”, proferia Emilie. “Só os figos da infância me deixavam estonteada desse jeito.” “O aroma dos figos era a ponta do novelo de histórias narradas por minha mãe.” (HATOUM, 2008, p.79)

A sensação olfativa das frutas funciona como um pretexto para as reminiscências da matriarca. Anastácia fica sem entender sobre as paisagens relatadas, sobre como seria mar e quais nomes próprios eram aqueles difíceis de pronunciar. Ao que Emilie pedia a Hakim, que explicasse a serviçal da casa e, para isso:

Eu deixava de contemplar os arabescos do narguilé para ponderar sobre isso e aquilo, e tentava dar rumo ao assunto, uma reviravolta no tempo e no espaço, passar do Mediterrâneo ao Amazonas, da neve ao mormaço, da montanha à planície. (HATOUM, 2008, p.80)

O narrador Hakim, nascido no Brasil e educado pela família libanesa, funciona como ponte entre as culturas que ali se encontram e são marcadas pela incompreensão. O jogo antitético que estabelece entre os dois tempos e espaços corrobora as diferenças e a necessidade de tradução entre as personagens. A assimetria da interação tem a hierarquia quebrada pelo desconhecimento de Emilie sobre um mundo por ela desconhecido floresta adentro:

[...] Emilie maravilhava-se com a descrição da trepadeira que espanta inveja, das folhas malhadas de um tajá que produz a fortuna de um homem, das receitas de curandeiros que veem em certas ervas da floresta o enigma de doenças mais temíveis, com infusões de coloração sanguínea para aliviar trinta e seis dores do corpo humano. (HATOUM, 2008, p.81)

A cultura do outro, minoritarizada do ponto de vista social, tem boa recepção pelo fascínio que seus mistérios sugerem. Nessa troca, são desvendados o que Emilie chamava de “truques da língua brasileira” (HATOUM, 2008, p.82). Fica sugerida a diglossia presente entre o português do colonizador e a língua brasileira, cheias dos truques que demandam desvendar. Isso nos autoriza a dizer que a Manaus plurilíngue ali retratada não se restringia à língua dos migrantes que protagonizam o enredo, como também, à diversidade de línguas no Brasil. Nesse emaranhado, percebemos uma concepção de linguagem que remete ao calidoscópio de César e Cavalcanti (2007, p.61) para quem a linguagem não é estática, mas sim, um “conjunto de variáveis, intersecções, conflitos, contradições, socialmente constituídos ao longo da trajetória de qualquer falante”.

Nesse lugar de encontros, não só das águas do rio Negro e do Amazonas, como também de tantas línguas e culturas, as famílias demandam por modos de gerir as línguas. Essa postura acaba por ver a diversidade não como um problema, mas sim, como um direito (Ruíz, 1984). Nesse sentido, políticas linguísticas familiares são apresentadas no contexto do romance, podendo se tratar de árabe como língua de herança. Por esse tipo de política, entende-se, segundo Curdt-Christiansen (2009, p. 352) *apud* Morini (2017, p. 70):

um esforço deliberado de praticar determinado uso linguístico e certas práticas de letramento dentro da esfera doméstica e entre os membros da família (...) tendem a estar baseadas na percepção de estruturas e mudanças sociais da família do indivíduo.

O personagem Hakim, primogênito da família, narra episódios em que começa a ter os primeiros contatos com a língua árabe em solo brasileiro. Vê-se a gestão de uma política linguística familiar, encetada pelos pais. Emilie e o marido se opõem em termos religiosos (ela católica e ele mulçumano), no entanto, uma das passagens mais harmônicas da família são os eventos de letramento em árabe e o processo de alfabetização de Hakim nessa língua:

“Nessa noite, ao me acompanhar até o quarto, minha mãe sussurrou que no próximo sábado começaríamos a estudar juntos o “alifabeta”. Sentada na cama, me confidenciou que sua avó lhe ensinara a ler e a escrever, antes mesmo de frequentar a escola. Para comentar a aprendizagem da língua-mãe, me contou sucintamente como falecera Salma, minha bisavó, aos cento e cinco anos de idade” (HATOUM, 2008, p.45).

Como Hakim mesmo conta: “Ela ensinava sem qualquer método ordem ou sequência”. Cabe destaque, no entanto, na cena anterior, como a língua chega por meio da escuta de

histórias, de modo que precede a alfabetização, em si, práticas significativas com a linguagem. Tal abordagem aproxima-se do “alfalettar”, defendido por Magda Soares (2020). Torna-se possível, também, relacionar a experiência de Hakim com a leitura de mundo, marca do pensamento freiriano:

Daquele contexto — o do meu mundo imediato — fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a outros contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer suspeitar (FREIRE, 1991, p.14).

O “alfaletramento” ou a leitura de mundo de Hakim transitam pelos cômodos da casa da família, numa metáfora a escavar a história de um povo em trânsito, cujos recônditos escuros, assim como o desconhecido da língua nova, vai ganhando luz no percurso pelo novo. Aquele mundo que, assim como Freire não se podia nem se que suspeitar, começa a integrar a identidade do personagem como sujeito bilíngue, marcado pelos episódios de aquisição da nova língua que se soma a seu repertório linguístico:

As primeiras lições foram passeios para desvendar os recantos desabitados da Parisiense, os quartos e cubículos iluminados parcialmente por claraboias: o corpo morto da arquitetura. Sentia medo ao entrar naqueles lugares, e não entendia por que o contato inicial com um idioma inaugurava-se com a visita a espaços recônditos. Depois de abrir as portas e acender a luz de cada quarto, ela apontava para um objeto e soletrava uma palavra que parecia estalar no fundo de sua garganta; as sílabas, de início embaralhadas, logo eram lapidadas para que eu as repetisse várias vezes. Nenhum objeto escapava dessa perquirição nominativa que incluía mercadorias e objetos pessoais: cadinhos de porcelana, almofadas bordadas com arabescos, pequenos recipientes de cristal contendo cânfora e benjoim, alcovas, lustres formados de esferas leitosas de vidro, leques da Espanha, tecidos, e uma coleção de frascos de perfume que do almíscar ao âmbar formava uma caravana de odores que eu aspirava enquanto repetia a palavra correta para nomeá-los. No fim da peregrinação aos quartos e às vitrinas da loja, sentávamos na mesa da sala, e ela escrevia cada palavra, indicando as letras iniciais, centrais e finais do alfabeto. Eu copiava tudo, esforçando-me para escrever da direita para a esquerda, desenhando inúmeras vezes cada letra, preenchendo folhas e folhas de papel almaço pautado. No fim da tarde, corria para mostrar ao meu pai as anotações, que ele corrigia, enquanto Emilie desaparecia no quarto contíguo ao seu, onde só ela entrava. Ela ensinava sem qualquer método ordem ou sequência. Ao longo dessa aprendizagem albaroadada, eu ia vislumbrando, talvez intuitivamente, o halo do “alifabeta”, até desvendar as sutilezas da gramática e da fonética que luziam em cada objeto exposto nas vitrinas ou fisgado da penumbra dos quartos.

Passei cinco ou seis anos exercitando esse jogo especular entre pronúncia e ortografia, distinguindo e peneirando sons, domando o movimento da mão para representá-los no papel, como se a ponta do lápis fosse um cinzel sulcando com esmero uma lâmina de mármore que aos poucos se povoava de minúsculos seres contorcidos e espiralados que aspiravam à forma dos caracóis, das goivas e cimitarras de um seio solitário que a língua ao contato com os dentes e ajudada por

espasmos fazia jorrar dos lábios entreabertos um peixe Fenício (HATOUM, 2008, p.45-46).

Não só os povos árabes são encenados na narrativa de Hatoum, a migração alemã também é marcada no romance, especialmente pelo personagem Dorner. Ele apresenta certo gosto pela diversidade:

Sei (e creio que todos aqui sabem) que ele passou a vida anotando suas impressões sobre a vida amazônica. O comportamento ético de seus habitantes e tudo que diz respeito à identidade e ao convívio entre os brancos, caboclos e índios eram seus temas prediletos. (...) Ele procurava contestar um senso comum bastante difundido aqui no norte: o de que as pessoas são alheias a tudo (...) (HATOUM, 2008, p. 73-74).

Mais do que a mera celebração da diferença, Dorner a problematiza. Seu posicionamento busca romper estereótipos sobre a gente do Norte. Como fotógrafo, botânico e desenhista que era, seu olhar vai além da mera descrição. O fascínio pela questão identitária talvez tenha relação a uma postura de empatia sobre o diferente, já que seu povo sofreu perseguições em terras brasileiras em decorrência de generalizações em torno da Segunda Guerra:

Foram anos difíceis para os membros da colônia; muitos tingiram os cabelos de preto e foram para o mato, onde adoeceram e morreram; os sobreviventes regressaram a cidade depois da guerra encontraram suas mansões neoclássicas destruídas e saqueadas, e só conseguiram abrigo nas missões religiosas e em alguns consulados europeus (HATOUM, 2008, p.71).

Há, pois, uma referência, ainda que implícita, ao cerco às línguas de imigrantes como uma política linguística nacional, conforme Oliveira (2009, p. 22):

(...) sobretudo entre 1941 e 1945, o governo ocupou as escolas comunitárias e as desapropriou, fechou gráficas de jornais em alemão e italiano, perseguiu, prendeu e torturou pessoas simplesmente por falarem suas línguas maternas em público ou mesmo privadamente, dentro de suas casas, instaurando uma atmosfera de terror e vergonha que inviabilizou em grande parte a reprodução dessas línguas...

Por meio dos personagens Dorner e Hakim, novamente, o tema das políticas linguísticas familiares é retomado no romance. Desta vez, o alemão, intercultural por essência, tenta ensinar sua língua ao filho de imigrantes libaneses:

Certa vez ele ficou desconcertado por eu não mostrar entusiasmo em frequentar os cursos de alemão que ele dava aos filhos e netos de seus conterrâneos. Notando meu

desinteresse, ironizava: “Nem tudo está perdido, quando eu voltar das duas Alemanhas teu entusiasmo terá duplicado” (HATOUM, 2008, p. 72).

Nessa floresta de línguas que é a Manaus de Hatoum, sujeitos bilíngues não faltam. E, por conseguinte, comportamentos esperados por bilíngues são presentificados no enredo. Um deles, em especial, é a troca/mistura de códigos durante a interação, o chamado *code switching*. Tal fenômeno, entendido por autores como Maher (2007, p.75), não é tão somente uma mistura, mas um traço identitário do qual sujeitos bilíngues

lançam mão com frequência, para, pragmaticamente, atribuir vários sentidos aos seus enunciados: para expressar afetividade, relação de poder, mudança de tópico, identidade social/étnica etc. Não se trata, portanto, de um déficit, mas de um recurso discursivo sofisticado com que somente os falantes bilíngues podem contar.

Como faz Emilie que, afetada pela saudade do Líbano, deixava escapar “frases inteiras em árabe”:

É curioso, pois sem se dar conta, tua avó deixava escapar frases inteiras em árabe, e é provável que nesses momentos ela estivesse muito longe de mim, de Anástacia, do sobrado, de Manaus (HATOUM, 2008, 80).

Dorner, ao saber da morte do amigo Emir, não se traduz em português, sua língua estrangeira:

...mas tudo ficou no ar porque desatei a responder na minha língua materna. Só percebi que falava em alemão quando o marselhês me pegou pelo braço e berrou: o senhor está falando sozinho. Ele tinha razão; pela primeira vez falava em minha língua comigo mesmo (HATOUM, 2008, p. 60).

Ambos os personagens, ainda que de universos diferentes, embalados por emoções ímpares, não deixam de conter outros repertórios linguísticos que vêm à tona. Confirma-se, assim, o cuidado estético de Hatoum em dar atenção a aspectos inerentes a sujeitos bilíngues, de modo a explorar a poesia contida nos modos de existir em diferentes línguas.

Considerações Finais

Pelas cenas recortadas da obra inaugural de Hatoum, fica evidente que explora com maestria a relação dos personagens com o plurilinguismo presente na Manaus do contexto apresentado. Evidencia-se, também, um território difícil de ser delimitado entre língua e

cultura, uma vez que a temática da diferença é motriz da narrativa, bem como os processos constitutivos das identidades em jogo; logo, a relação dos sujeitos-personagens com a língua transita entre a poética e o caos, entretecendo a trama manauara.

Possivelmente pelo histórico de trânsito de Hatoum entre o Norte e o Sul: do Brasil, das Américas e dos hemisférios, o Oriente relatado por seus personagens torna-se tão verossímil a ponto de tornarem-se possíveis as relações com leituras teóricas em torno da língua(gem) e identidades. Aqui, mereceram destaque as políticas linguísticas familiares, cujos eventos de letramento indicam o processo de aquisição do árabe; o cenário plurilíngue inerente à própria Amazônia na relação cidade-floresta, Norte-Sul, Ocidente-Oriente; o encontro de diferentes povos como Dorner com os árabes e com a floresta, cuja interação se ressignifica e, no sentido de Hall (2005), se traduz no (difícil) encontro com o Outro.

Referências

- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estrategias para entrar y salir de la modernidad, Mexico, Grijalbo, 1989.
- CESAR, A. L. S.; CAVALCANTI, M. C. Do singular ao multifacetado: o conceito de língua como calidoscópio. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 45-66.
- CURDT-CHRISTIANSEN, X. L. Invisible and visible language planning: ideological factors in the family language policy of Chinese immigrant families in Quebec. **Language Policy**, n. 8, p. 351-375, 2009. ISSN 1573-1863; DOI 10.1007/s10993-009-9146-7.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. S. Paulo: Cortez Editora / Autores Associados, 1991.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- HATOUM, M. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MOTT, M.L. Imigração árabe: um certo oriente no Brasil. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000.
- MAHER, T. M. *A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilingüismo*. In: Kleiman, A.; Cavalcanti, M. (Org.). **Linguística aplicada**: suas faces e interfaces. Campinas: Mercado de Letras, 2007a. p. 235-270.
- _____. *Do casulo ao movimento*: a suspensão das certezas na educação bilíngüe e intercultural. In: CAVALCANTI, M.C; BORTONI-RICARDO, S. M. **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007b. p. 67-94.
- MORONI, A. S. **Português como língua de herança na Catalunha**: representações sobre identificação, proficiência e afetividade. Tese de doutorado em Linguística Aplicada. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2017.

OLIVEIRA, G. M de. **Plurilinguismo no Brasil**: repressão e resistência linguística. Synergies Brésil, n. 7, 2009, p. 19-26. Disponível em: <<http://ressources-cla.univfcomte.fr/gerflint/Bresil7/gilvan.pdf>> Acesso em 27 abr. 2023.

PEREIRA, M. D. B. **Conflitos e trocas culturais em Relato de um certo Oriente e Dois irmãos, de Milton Hatoum**. Tese de doutorado em Letras. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, 2019.

Ruiz, R. **Orientations in language planning**. NABE Journal 8.2: 15-34, 1984.

SOARES, M. **Alfaetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

TOLEDO, M. P. M. e F. de. Espaço e discriminação nas obras de Milton Hatoum. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004, Coimbra-Portugal. Disponível em <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscriçao/propostas.html>> Acesso em 13 abr.2023.

_____. **Milton Hatoum**: itinerário para um certo Relato. São Paulo: Ateliê editorial, 2006.

Scenes of plurilinguism in a story of a certain east, by Milton Hatoum

Abstract: The aim of the text is establishing connexion between scenes from the work *Relato de um certo Oriente*, by Milton Hatoum, with theoretical texts on language and identity. Analysis shows how credible these connexions are and focus on a plurilingual context in Amazon, which transcends the relationship between Portuguese speakers and Arabic speakers, giving space to other cultures that were present there, such as German. Furthermore, the original peoples also add new nuances to the linguistic and cultural diversity of the novel. Topics such as family language policies and constitutive aspects of the bilingual subject are explored in the work and enable a fruitful dialogue between different areas of knowledge.

Keywords: Plurilinguism; Identities; Milton Hatoum.

<p>Recebido em 28 de abril de 2023 Aprovado em 12 de junho 2023 Publicado em 09 de agosto de 2023</p>
--